



Meu bebê cresceu, e agora?

Para os pais, os filhos são eternos bebês. As crianças são muito inteligentes e muitas vezes utilizam da fala dos pais para agirem de determinada maneira ou até para se isentarem de alguma culpa, já que são bebês, como os pais dizem.

Na fase da educação infantil, transição entre maternal e jardim I e jardim I, percebemos que os pais ficam sem saber como agir, pois aquele pequeno que antes precisava dos pais para tudo, agora já demonstra uma certa independência, vai ao banheiro sozinho, come sozinho, tem suas próprias vontades, escolhe suas roupas e brinquedos, tem seus desenhos e filmes favoritos, enfim é como pássaros que começam a aprender a voar.

Diante desta realidade os pais ficam felizes pelo desenvolvimento do filho, mas ao mesmo tempo não temem que os filhos se distanciem deles. Os pais têm um sentimento de "posse" para com os filhos e nesta fase que os filhos começam a ficar independentes os pais muitas vezes se culpam, acham que a criança está mais autônoma porque trabalham o dia todo e precisam "deixá-las" na escola, quando estão em casa não conseguem ficar o tempo todo com elas pois precisam "dar conta" dos afazeres domésticos. Contudo, as crianças precisam dos pais, mas de uma forma diferente de quando eles eram bebês, agora as crianças querem conversar com os pais, brincar com eles, ajudá-los nas tarefas diárias, enfim participarem ativamente da vida dos pais.

É importante que os pais compreendam as crianças como um ser em desenvolvimento e para tanto muitas vezes precisam monitorar a forma que agem e falam com seus filhos.

É importante chamá-los pelo nome, por exemplo quando precisar chamá-lo dizer "filho" ou o nome da criança ou "garotão", ou seja utilizar palavras que condizem com a idade dele, pois as crianças associam a forma com que são chamadas com a maneira de agir, assim se chamamos a criança como bebê, ela associa que um bebê não sabe o que pode e o que não pode fazer assim, pode fazer o que quiser sem ter conseqüências.

Quando agimos de forma a "tratar" a criança como um bebê, que já não é mais acabamos por prejudicar seu desenvolvimento. E isto é demonstrado nas ações das crianças, agindo de forma a não querer seguir as regras, chorando para conseguir algo e chorando ainda mais quando o que a criança quer não pode ser dado ou feito naquele momento, a criança age de forma agressiva com gritos, mordidas, quando algo que ela quer não acontece. Um bebê não faz lição, assim as crianças no momento da atividade pedagógica se recusam a fazê-la ou não conseguem concentrar-se porque querem terminar logo para brincar, em outros casos atrapalha o colequinho porque quer que ele também pare de fazer lição para brincar com ela.

Também não é adequado falar palavras no diminutivo, seguem abaixo algumas considerações importantes:
Não repita a palavra errada

Um dos equívocos mais comuns dos pais é repetir a palavra errada que o filho disse antes de corrigi-lo. A fonoaudióloga Bianca Sabbag, especialista em linguagem da EDAC (Equipe de Diagnóstico e Atendimento Clínico), em São Paulo, explica: se a criança disser "pato" em vez de "prato", os pais não devem dar respostas como "não é 'pato', é 'prato'". A melhor opção é somente repetir a palavra correta - de maneira exagerada, se necessário: "Ah, você quer o prato? A mamãe vai pegar o prato para você". "Nunca dê o modelo errado. E dar as duas informações para a criança pode dificultar o desenvolvimento da linguagem", afirma.
Evite o tatibitate.

Trocar as consoantes e abusar dos diminutivos, dizendo sempre "ti nenê bonitinho da mamãezinha" em vez de "que nenê bonito da mamãe", também atrapalha o desenvolvimento da linguagem infantil. De acordo com a fonoaudióloga clínica Danielle Lins, de Belo Horizonte, ao conversar com os filhos que ainda não sabem o som correto das palavras, é melhor não usá-las sempre no diminutivo. O ideal é empregar o vocabulário adequado desde a chegada do bebê, já que ele está desenvolvendo a fala durante os primeiros anos de vida. "Até os cinco anos de idade ele já deve estar se comunicando muito bem", diz Patrícia Junqueira, fonoaudióloga do Hospital São Luiz, em São Paulo.

Não use palavras substitutas

Falar sempre corretamente com a criança é a melhor escolha que os pais podem fazer, embora às vezes pareça difícil. Falar errado ou substituir palavras por outras inexistentes, mas mais fáceis - como mamadeira por "tetê" - pode parecer uma mão na roda, mas não é. Como a palavra certa é outra, a criança tem que aprender duas vezes. "Como a criança tende a se espelhar no adulto, se eles falarem errado, ela será influenciada", diz a fonoaudióloga Lindsei Paupitz, do Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba.

Não antecipe nem interrompa a criança

Quando a criança está com dificuldades para completar uma frase, não a apresse. "É preciso deixá-la falar no tempo dela, e os pais não podem competir com isso", diz Lindsei. Se os pais se habituarem a antecipar o discurso, a criança sempre vai esperar que alguém fale por ela.

O problema se agrava na fase da gagueira, comum por volta dos três ou quatro anos de idade. De acordo com Bianca, nesta época costuma haver um aumento repentino do vocabulário e a elaboração mental não acompanha a elaboração motora. "Ela acaba gaguejando, atropelando as palavras e se repetindo", diz.

Interromper as crianças o tempo todo também faz com que elas se estressem.

Não torne a palavra errada uma diversão para a família

Não raro, uma palavra falada errada soa tão divertida e engraçadinha que se torna um entretenimento familiar. Mas repetir demais a brincadeira pode trazer problemas, alerta a fonoaudióloga Regina Donnataria Moraes, do Grupo de Saúde Oral da SPSP (Sociedade de Pediatria de São Paulo). "Prolongar por muito tempo uma forma de fala equivocada dá, aos pais, um prolongamento do tempo de infantilidade do filho". Quanto mais tempo isso prevalecer, mais complicado será corrigir.

Fale na altura da criança sempre que possível

Bianca Sabbag, especialista do EDAC, também indica aos pais ficar na mesma altura da criança ao se comunicar com ela. "Abaixar para conversar e olhar no olho da criança é muito importante, para que ela tenha esse modelo visual", diz. Poder observar os movimentos da boca do adulto colabora bastante para o desenvolvimento da fala infantil.

A família sendo a primeira instância de ensino precisa trabalhar juntamente com a escola, segunda instância para auxiliar no desenvolvimento psicológico cognitivo e motor da criança.

Como estamos no início do segundo semestre, as crianças já estão adaptadas a rotina escolar, chegou o momento de refletirmos sobre nossas atitudes, é como se no início do ano soltássemos um novelo de lã e agora devagar vamos enrolando novamente. O soltar o novelo faz parte da socialização com todos da escola, do elo de confiança, do adaptar-se, do sentir-se bem no ambiente escolar. O enrolar o novelo significa todos os itens acima citado considerando que na escola todos devem ser respeitados, que precisamos ser tolerância, paciência e para isso utilizamos das rodas de conversa e dos projetos que envolvam regra e disciplina.

Equipe Pedagógica

E.E.I.Sonho Meu